

Dia Internacional da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha **- 25 de Julho**

O dia 25 de julho é o Dia da Mulher Negra, instituído pela Lei nº 12.987 em 2014. Neste dia celebramos o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha. Essa data relembra o marco internacional de luta e resistência da mulher negra para reafirmar a necessidade de enfrentar o racismo e o sexismo vivido até hoje por mulheres que sofrem com a discriminação racial, social e de gênero.

Viva Tereza Benguela

No Brasil, a data também é celebrada pelo Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra. Tereza de Benguela foi uma líder quilombola de destaque que resistiu à escravização durante duas décadas no século XVIII, lutando pela comunidade negra e indígena que vivia sob sua liderança. A rainha do Quilombo do Quariterê, organizou uma sociedade alternativa, contrariando a vontade da Coroa portuguesa e o desejo da população rica de Vila Bela, os quais presumiam que quilombos não passavam de um “ajuntamento” de escravos fugitivos. Sob seu comando, o Quilombo do Quariterê estabeleceu relações comerciais com a população branca ao seu entorno. Além de guerreiros eram produtores e comerciantes, e sua estrutura organizacional de maneira parlamentar, embora constituída por rígidas regras e punições aos desertores, considerada para época “democrática”, bem como necessária para manter a existência do local.

Pensar neste dia é uma forma de empoderar pessoas e espaços sobre o conhecimento e a história dessas Mulheres Negras, que deixaram seu marco na sociedade brasileira. Assim, possibilitar construir um olhar atento às que estão ao

nosso redor e hoje seguem fortalecendo portas que foram abertas por suas ancestrais.

Precisamos falar sobre Interseccionalidade, que aborda a singularidade e as múltiplas questões que envolvem o ser humano na sociedade. Desde o território a que pertence, passando pela sua cultura, profissão, faixa etária, estado civil, sexualidade, entre outros. Para isso, há necessidade de nomear a forma de violência que afeta a sua totalidade, como o racismo, sexismo, feminicídio, LGBTQ+fobia, xenofobia, entre outras.

Luta das Mulheres Negras

As mulheres negras estão no topo da cadeia de vulnerabilidade, ou seja, quando há uma violência contra a mulher, a vítima é negra em mais da metade dos casos. Os dados reforçam o impacto do machismo e do sexismo em relação às mulheres negras e a aniquilação de seus corpos e suas vidas. De acordo com o Atlas de Violência (2020), a cada duas horas uma mulher é assassinada no Brasil, e embora os números tenham melhorado para mulheres não negras, para mulheres negras os números seguem aumentando, acentuando-se ainda mais a desigualdade racial. Em 2018, 68% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras. Enquanto entre as mulheres não negras a taxa de mortalidade por homicídios no último ano foi de 2,8 por 100 mil, entre as negras a taxa chegou a 5,2 por 100 mil, praticamente o dobro (IPEA, 2020).

Os dados evidenciam que o feminicídio tem cor. As mulheres negras são discriminadas em diversos setores. No mercado de trabalho, com a precariedade das condições, exploração de mão de obra, assédio moral e sexual e diferenças salariais.

O racismo e o modelo de desenvolvimento social e econômico no Brasil impactam profundamente a vida das mulheres negras. A consequência são mortes de mulheres que poderiam ter sido evitadas: por falta de acesso à assistência de saúde pública e adequada, falta de procedimentos no combate à violência contra a mulher pelo machismo patriarcal, pelas manifestações de discriminação por raça,

etnia e/ou nacionalidade, de gênero e/ou orientação sexual, intolerância religiosa etc.

Resistência da Mulher Negra

No cenário atual, o debate sobre as desigualdades de gênero e raça têm ganhado espaços de construção, visibilizando o pensamento crítico e fortalecendo o combate ao racismo e sexismo, que tem sido objeto de reivindicação de movimentos sociais comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A atuação de mulheres negras no Brasil tem protagonismo referencial no desenvolvimento social e cultural. Além de se destacar, enquanto lideranças de movimentos históricos, ganha reconhecimento internacional, por potencializar frentes de luta e espaços de organizações coletivas, segundo Sueli Carneiro traz em seu artigo “Mulheres em movimento” (2013).

Neste dia 25 de julho, diversos coletivos e movimentos de mulheres negras seguem lutando juntas por mais direitos, por educação, saúde, assistência social, moradia digna e trabalho decente; pelo fim de todas as formas de violência racista e machista e LGBTfóbica; pelo fim do genocídio da juventude negra e periférica; pelo reconhecimento da titulação de terra das comunidades quilombolas, entre outras. Ainda hoje, vivenciamos um sistema que trabalha diariamente pelo apagamento que fortalece o racismo em todas as suas estruturas. Sabemos que se costuma narrar a história do Brasil sem mulheres negras, mas não há Brasil sem seu trabalho, sua força, sua luta, sua arte, seu conhecimento! Conheça algumas notáveis:

1. Leci Brandão - Artista, cantora, foi a primeira mulher a entrar na ala dos compositores da escola de samba Mangueira.
2. Conceição Evaristo - Romancista, poeta e contista, escritora brasileira, mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, doutora em Literatura Comparada pela UFF, ganhadora de vários prêmios e reconhecida no Brasil e no mundo.
3. Lélia Gonzalez - Historiadora e filósofa, foi intelectual, ativista e política: participou da formação do PT, foi do PDT, atuou nas discussões sobre a

Constituição de 1988 e integrou o primeiro Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, na mesma década.

4. Carla Akotirene - Assistente social, integrante do quadro de docentes da Universidade Federal da Bahia (UFBA), pesquisadora da Epistemologia Feminista Negra, Mestre, Doutoranda em Estudos de Gênero, Mulheres e Feminismo (UFBA) e idealizadora do Opará Saberes.

5. Djamila Ribeiro - A filósofa, feminista, escritora e acadêmica brasileira, primeira pessoa brasileira a receber o Global Good Awards, por mobilizar a produção intelectual pela equidade de gênero e raça e por disseminar conteúdos críticos.

6. Ruth de Souza - Primeira atriz negra a pisar no palco do Theatro Municipal do Rio de Janeiro; 1ª brasileira indicada como melhor atriz em uma premiação internacional, no Festival de Veneza de 1954. É a primeira atriz negra a protagonizar uma telenovela, se tornou uma artista exemplar, passando a ser considerada responsável pela abertura de caminhos para atrizes e atores negros até os dias atuais.

7. Ângela Davis - Filósofa, professora emérita do departamento de estudos feministas da Universidade da Califórnia, próxima ao grupo Panteras Negras, autora de vários livros, marcados por um pensamento que procura romper com as assimetrias sociais.

8. Audre Lorde - Autodefinição: “Negra, lésbica, mãe, guerreira, poeta”; uma das principais pensadoras lésbicas do século XX; poeta, ensaísta, conferencista e professora de literatura.

9. Carolina Maria de Jesus - Poeta negra, intelectual e escritora, catadora, favelada e doutora (honoris causa, em homenagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro).

10. Chiquinha Gonzaga - Compositora, pianista, primeira mulher a reger uma orquestra, a escrever uma partitura para teatro e a compor uma marcha carnavalesca no Brasil.

Entre tantas outras: Antonieta de Barros, Aqualtune, Theodosina Rosário Ribeiro, Jurema Batista, Elisa Lucinda, Maria Filipa, Luiza Bairros, Sueli Carneiro,

Maria Conceição Nazaré (Mãe Menininha de Gantois), Luiza Mahin, Dandara, Elza Soares, Grada Kilomba, Joice Berth, Marielle Franco.

Assim, essa data torna-se relevante para celebrar a resistência das mulheres negras e fortalecer a emancipação e autonomia diante das lutas cotidianas contra a opressão de gênero e étnico-racial. Valorizar a identidade negra e a cultura afro-brasileira é visibilizar a mulher negra em considerando os elementos da Interseccionalidade como raça, classe e gênero.

Fonte

BRASIL. Portaria nº 992, de 13 de maio de 2009. Institui a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Brasília, DF, 2009.

IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/3519-atlasdaviolencia2020completo.pdf> Acesso em: 15/07/2021.

Werneck, Jurema. Racismo Institucional e Saúde da População negra. <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/bJdS7R46GV7PB3wV54qW7vm/?format=pdf&lang=pt>

Revista JUS. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/85565/resenha-baseada-no-livro-racismo-estrutural-de-silvio-de-almeida> Acesso em: 15/07/2021

GELEDÉS (Organização). Geledés – Missão Institucional. São Paulo, 2016. Não paginado. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/geledes-missao-institucional>>. Acesso em: 16 jul. 2021.